

A VISITA DO BISPO AO S. PADRE

01 — A Folha: Dom Adriano, em fevereiro o senhor e todos os bispos do Estado do Rio viajam para Roma? Por quê? Houve um convite especial do Papa?

— Dom Adriano: Não houve nenhum convite especial. Vamos todos porque é norma do Direito Canônico que os bispos visitem Roma de cinco em cinco anos e mandem, também de cinco em cinco anos, um relatório sobre a diocese. Para nós do Estado do Rio, do Regional Leste I, que fizemos a última visita em fins de maio de 1980, estava previsto o período de fins de outubro e princípios de novembro de 1985 para a visita. Mas, com a preparação do Sinodo Extraordinário dos Bispos em novembro, foi adiada para a primeira quinzena de fevereiro. Veio a viagem do S. Padre à Índia e a nossa visita ficou, definitivamente, para o período entre 17 de fevereiro e 1º de março.

02 — A Folha: Esta visita é obrigatória? O bispo pode ser dispensado?

— Dom Adriano: Pela importância do contacto pessoal com o Papa e do relatório sobre a diocese, a visita é obrigatória. Mas, havendo motivo superior, o bispo pode mandar um padre, por ex. o vigário-geral, que o represente.

03 — A Folha: Como se desenrola a visita “ad limina”?

— Dom Adriano: Varia. A de 1980 foi um tanto “chocha”. Cada um de nós tinha uma conversa pessoal com o S. Padre. De dez minutos apenas. Foi uma conversa cordial, mas breve demais, para informar o Papa sobre a diocese. É verdade que o relatório ajudava. Depois da breve audiência um retrato e uns presentinhos do Papa. E adeus até daqui a cinco anos. Foi curta demais. Houve ainda celebrações dos bispos nas Basílicas Maiores e uma visita a algumas Congregações. Tudo pouco demais para as despesas da viagem... Este ano a visita, segundo experiência de bispos que a fizeram, tem sido mais cheia. Há uma audiência de quinze minutos com o Papa, uma celebração e uma refeição com ele, depois um encontro coletivo com todos os bispos. Naturalmente não faltarão as celebrações e as visitas às Congregações que nos interessam mais de perto. Acho que desta vez a visita “ad limina” será boa. E compensará o preço da passagem... Naturalmente, a visita a Roma tem outros aspectos importantes, por ex. para mim pessoalmente, vou visitar os Superiores Gerais de padres e irmãs que trabalham em nossa diocese. O contacto pessoal é muito importante.

04 — A Folha: O senhor falou do relatório que os bispos mandam de cinco em cinco anos, dando conta da situação da diocese. O senhor já mandou o seu sobre Nova Iguaçu?

— Dom Adriano: Por causa da minha última viagem à Europa (fins de outubro até fins de novembro, exatamente quatro semanas) muita coisa ficou atrasada. Foi preciso atualizar tudo. Veio o fim do ano que traz sempre uma sobrecarga enorme. O relatório sofreu um atraso, mas já o mandei a

Roma através da Nunciatura, em Brasília. Assim mesmo levo um exemplar para entregar pessoalmente ao Papa, com um resumo que salienta os pontos principais. Este resumo será em alemão, ao passo que o Relatório foi em português. Espero que o relatório e o resumo, com minhas colocações pessoais, dêem ao S. Padre uma visão clara do que é e do que faz a nossa diocese.

05 — A Folha: o relatório que os bispos mandam ao Papa, de cinco em cinco anos é secreto? Ou o Povo pode conhecê-lo no todo, ou ao menos em parte?

— Dom Adriano (rindo): É claro que todo o mundo gostaria de saber o que é que o bispo conta ao Papa. Deve ser um prato gostoso, hem? Olhe, creio que pode haver casos em que o Relatório, em algum parágrafo, é confidencial. Ou mesmo todo inteiro. Há situações dolorosas em alguma diocese que pedem um Relatório confidencial, secreto. Posso dizer que não é o caso de nossa diocese. O Relatório é franco, é sincero. Seguindo o esquema que a Santa Sé nos oferece, é o mais completo possível. Não é secreto, não é confidencial.

06 — A Folha: Então vai ser publicado em nossa diocese?

— Dom Adriano: Alguns padres já me propuseram que o multiplicasse e distribuisse ao clero e aos agentes de Pastoral interessados. Talvez pudesse aproveitar-se nas reuniões de Pastoral que fazemos nas primeiras terças-feiras, no Centro de Formação, ou também na reunião mensal do Clero, na Casa de Oração, todas as terças-feiras. Vamos ver depois. Da minha parte, não tenho nenhuma objeção a fazer contra a publicação do Relatório, parcial ou totalmente. Vai depender tudo da utilidade pastoral que o Relatório tem para nossa diocese. A nossa Igreja deve guardar segredo e discrição, sem dúvida nenhuma, não somente o segredo inviolável da confissão, também outras coisas são confidenciais, reservadas, obrigações de consciência ou de caridade fraterna. Mas de outro lado não estaria certo se quiséssemos fazer segredo de tudo e carimbar tudo com o carimbo de “questão de consciência”.

07 — A Folha: Que pontos principais o senhor pretende falar ao Papa? Será indiscrição fazer-lhe esta pergunta?

— Dom Adriano: Olhe, tenho sido entrevistado com muita frequência. Nunca me neguei a conversar com um repórter. Em princípio estou sempre disponível, embora não goste muito de entrevista por telefone (como nos últimos tempos os jornalistas, sobrecarregados e apressados, gostam de fazer); prefiro sempre a entrevista cara a cara. Pois bem, nos meus dezenove anos de bispo de Nova Iguaçu nunca achei repórter indiscreto nem ouvi deles uma pergunta indiscreta. O que eu posso ou sei responder, eu respondo. Mas sem fazer mistério ou apresentar evasivas. O profissional da imprensa, do rádio, da televisão me merecem grande apreço. Também devo confessar o seguinte:

nunca traíram o meu pensamento ou as minhas palavras, honra seja feita. Houve enganar de datas, de circunstâncias secundárias por ex. dizer um repórter que eu sou jesuíta (seria honra para mim, é claro), quando de fato sou franciscano há 49 anos.

08 — A Folha: Sim, mas que pontos mais importantes o senhor levará ao Papa?

— Dom Adriano: Um dos aspectos mais graves de nossa diocese é a falta de padres. Somos poucos. Somos sobrecarregados, não damos conta da tarefa que o Povo de Deus espera de nós. Estamos construindo o seminário, que será inaugurado no dia 03 de maio deste ano. Mas a formação de um padre é demorada. E até se formarem muitos padres, o que acontece ao Povo de Deus? Tenho defendido com palavras claras a necessidade de se criar um segundo tipo de padre — o padre casado, quer dizer: introduzir, sem quebra do tipo de padre celibatário, como temos, e será o modelo, um segundo tipo, pela ordenação de homens casados. Isto vou levar ao S. Padre.

09 — A Folha: Postulando a ordenação de homens casados, o senhor acha que resolve o problema da falta de padres?

— Dom Adriano: Para mim, sem dúvida nenhuma. Eu não parto de objeções ou acusações feitas contra o celibato. Continuo aceitando como tipo de padre ideal e normativo, regular, o padre celibatário, como temos atualmente e como a Igreja conhece faz já alguns séculos. Mas a falta de padres, crônica no Brasil, em geral, já por mais de cem anos, nos força a perscrutar, “com temor e tremor”, partindo da caridade pastoral, se não haveria outra possibilidade de sacerdócio. Durante o Concílio Vaticano II os que postulavam uma participação mais eficiente, mais freqüente dos leigos na vida interna da Igreja, por ex. na catequese, na liturgia, em alguns ministérios, como o da comunhão, do batismo etc., — ouviam objeções às vezes fortes, defendendo os diversos “ministérios” do padre. Eram as vozes “clericais”, demasiadamente “clericais”, defendendo com unhas e dentes o “clérigo” contra o “leigo”. Graças a Deus, o Vaticano II descobriu o valor do Povo de Deus, como Igreja, descobriu o valor de todos os membros do Povo de Deus. Valorizou a participação do leigo — capaz do triplice múnus: profético, sacerdotal, e régio — e deu muitas chances aos leigos. O novo Código do Direito Canônico aceitou

plenamente as sugestões e pistas conciliares e aí temos o leigo não só dando a Comunhão, administrando o batismo, com licença especial da S. Sé assistindo aos casamentos, mas até — o que parecia impossível — tomando conta de uma paróquia. Até aí chegamos. Por que este leigo, casado, sendo capaz de dirigir uma paróquia, não poderia ser ordenado padre? Somente haveria o obstáculo do casamento? Mas se o casamento não é o obstáculo para dirigir e governar a paróquia, por que o seria tratando-se de umas poucas funções estritamente sacerdotais, como a S. Missa, a absolvição dos pecados e, pelo menos segundo muitos teólogos, a unção dos enfermos? Cresce no mundo o desejo de ordenar homens casados que possam suprir a grande falta de padres. Não se trata portanto de casar os padres mas de ordenar homens casados. O que pesa, portanto, nesta minha proposta é o bem do Povo de Deus, não são os problemas do celibato ou do padre celibatário.

10 — A Folha: Mas o senhor acha que o Papa João Paulo II aceitará sua proposta de ordenar homens casados?

— Dom Adriano: Convencido, como estou, da necessidade de criarmos um segundo tipo de sacerdote para atender as necessidades do Povo de Deus, já que sofremos a falta de padres por cerca de cem anos, eu no entanto nunca ordenaria homens casados contra o Papa ou sem o Papa, contra o Colégio dos Bispos ou sem o Colégio dos Bispos unidos ao S. Padre. Mas nada me impede, por amor de meus irmãos que sofrem com a falta de padres e por isto com a falta da S. Missa, nada me impede de levar esta proposta, fruto do sofrimento do bispo que sofre com o sofrimento dos irmãos, àquele que é o sucessor de Pedro e tem o dever de escutar os gritos dos irmãos e irmãs da periferia do mundo. Na visita pastoral do ano passado um dos pedidos mais freqüentes era este: Dom Adriano, mande um padre para nossa comunidade, nós queremos a missa, a confissão, os sacramentos, nós queremos ter o nosso padre. Sem ofender outras denominações religiosas, devo mostrar ao S. Padre como crescem e se multiplicam, justamente porque nossa Igreja deixa para eles imensos espaços vazios que ela não pode ou não sabe ocupar. Espero que o Divino Espírito me inspire a palavra certa e dê ao S. Padre um coração sensível para o sofrimento de tantos irmãos e irmãs nossas, da Baixada, do Brasil e do Terceiro Mundo.

ENTREVISTA DE DOM ADRIANO (Continuação do número anterior)

06. FC: — Quais os princípios que tem alimentado a caminhada e as prioridades desta maneira de ser Igreja?

— Dom Adriano: Igreja é Igreja. Pastoral é Pastoral. Tudo o que faz a Igreja ser Igreja de Jesus Cristo e faz a Pastoral ser um anúncio do Salvador e da Salvação, deve estar presente na Diocese de Nova Iguaçu, como em qualquer diocese, como em qualquer paróquia ou comunidade de base, como, de certo modo, na vida de cada cristão. Ou não será Igreja de Jesus Cristo. Ou não será Pastoral evangelizadora. Mas dentro desta colocação maior é possível fazer colocações “menores” que poderiam ser chamadas de “linhas pastorais” que marcam a face da Igreja particular e caracterizam a Pastoral da Igreja particular. É neste sentido que entendo sua pergunta e tento dar uma resposta. Começo pelas prioridades pastorais. Na última assembleia diocesana (novembro de 83), depois de longo trabalho preparatório em nível de comu-

nidades, de paróquias e de regiões pastorais, foram votadas e assumidas as seguintes prioridades para o triênio 1983-1986: formação (dos agentes de pastoral), ação social e pastoral da juventude. Com altos e baixos, com muitos vaivéns, quebrando a cabeça, tentando ora isto ou aquilo, nuns momentos com mais ímpeto e noutros com pouco entusiasmo — o certo é que se vão executando as prioridades estabelecidas na assembleia de 83. Em junho deste ano houve uma assembleia de revisão, com bons resultados. Alguma coisa se realizou, teremos de realizar mais: as prioridades são válidas e correspondem à situação do Povo de Deus em nossa diocese. Para a formação temos um elemento novo: o Seminário Diocesano Paulo VI, com seu leque de ofertas que serão sempre mais numerosas. Funcionam já três anos de Filosofia e 1 ano de Teologia — para candidatos ao sacerdócio, mas cursos abertos também a leigos de formação. Há também cursos (extensão da Universidade de Santa Úrsula) de aprofundamento

e intensificação, para leigos. Há planos de vários cursos: para os preparadores dos sacramentos, nas paróquias; para lideranças comunitárias; para catequistas e professores de religião. Haverá também cursos eventuais sobre matérias de atualidade, como por ex. sindicalismo, direitos trabalhistas, constituinte etc. etc. Repito: é muito o que se faz, precisamos no entanto fazer muito mais. — Quanto aos princípios ou “linhas pastorais” que norteiam nosso trabalho pastoral e marcam a fisionomia de nossa diocese, tenho tentado por todos os meios colocar nossa diocese e nossa pastoral em “estado de Igreja”, e em “dinâmica de Igreja”:

— que pela pregação, pela pastoral, pela vida, pelas estruturas e infra-estruturas, anuncia Jesus Cristo como Salvador e Salvação;

— que está marcada em sua natureza, em sua ação pastoral, em sua vida íntima pelo mistério da Páscoa que é tanto Cruz como Ressurreição;

— que é Povo de Deus, família dos filhos de Deus, corpo de Cristo;

— que serve e é um serviço;

— que faz opção fundamental e radical pelos pobres.

São princípios fundamentais, inspirando, dinamizando, vitalizando, fecundando todo nosso esforço pastoral e todo nosso compromisso e, com esta conotação imprescindível: dão à Pastoral um fundamento cristológico e eclesiológico que não pode ser confundido com nenhuma ideologia. — É claro que a simples enumeração destas “linhas pastorais” pode ficar apenas em nível de plano e de intenção. Mas é claro também que podem ser, sistematicamente, aplicadas em todos os momentos e atividades da Pastoral. Como é fecunda, por ex., a convicção de que todos somos filhos de Deus, de que Deus é nosso Pai, de que Jesus Cristo é nosso irmão, de que somos irmãos, de que formamos a grande família dos filhos de Deus! Na prática pastoral este princípio tem consequências formidáveis, na convivência do bispo com os padres, dos padres entre si, do clero com o Povo de Deus, dos fiéis com os fiéis. Cessam então barreiras artificiais, tradicionais que lamentavelmente atrasam a propagação do Evangelho. Se entre o bispo e os padres reina um relacionamento frio, constrangido, de suspeita, de poder, de distância, que testemunho de unidade e caridade podemos dar? O que deve haver no relacionamento de bispo com os padres e com os leigos é o relacionamento de família: somos todos irmãos, somos todos filhos (bem-amados) do Pai que está no céu. Os laços familiares permitem e exigem uma gostosa relativização dos conflitos, das diferenças, das preferências e também das “faltas”. Nesta visão de que somos irmãos, compreendemos mais facilmente a resposta de Jesus a Pedro que perguntava se devia perdoar até sete vezes ao irmão: “Eu não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18,21-22). Minha convicção profunda é que quanto mais aprofundarmos em nossa vida, em nossa inteligência, e de modo particular em nosso coração, o sentido destas “linhas pastorais”, mais corajosamente, mais dinamicamente, mais apostolicamente seremos Igreja de Jesus Cristo. Por ora não tenho tempo, mas gostaria de poder oportunamente comunicar aos meus irmãos tudo o que, me parece, é possível deduzir destas linhas pastorais para o nosso trabalho de Igreja e para o nosso agir de cristãos. Nesse contexto das 5 linhas pastorais, às quais bem poderia ser acrescentada uma sexta linha: “Igreja que é germe e começo do Reino de Deus” —, entendo e coloco uma participação bem maior e mais decisiva do Povo de Deus no chamado “governo” da Igreja, um “governo” que não tem muita analogia com os governos das nações, mas com a maneira de Jesus portar-se na sua vida terrena. É uma tragédia para mim mesmo e mais ainda para a Igreja quando eu identifico meu múnus de bispo com o modelo político (presidente, governador, prefeito), com o modelo militar (comandante no quartel) ou com

o modelo empresarial (patrão de operários que devem produzir). Não está aí o meu modelo. Aí estaria a deturpação do meu ministério, do meu serviço. Meu modelo está em Jesus Cristo e na maneira de “governar” de Jesus Cristo. Não acha que sobre isto chega o que disse? O tema é fecundo demais.

07. FC: — Qual o sentido da celebração do dia 22 de setembro para o senhor e para o seu Povo?

— Dom Adriano: No dia 22 de setembro haverá uma concentração da juventude, na parte da manhã. Será uma combinação de celebrações: de um lado o jubileu de nossa diocese e do outro o Ano Internacional da Juventude. Queremos conscientizar os jovens de sua própria missão e a Igreja local da importância da juventude na Igreja, de uma juventude marcada de valores juvenis que tem de levar para a Igreja precisamente a contribuição de seus valores juvenis, não a contribuição dos valores adultos. Na parte da tarde haverá uma homenagem da Diocese de Nova Iguaçu à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A iniciativa partiu de vários pontos, também de grupos de base. Aceitei a idéia com alegria, porque vejo na CNBB um elemento imprescindível à ação da Igreja no Brasil e também à unidade da Pastoral em nossas dioceses. Sabemos que a CNBB é uma instituição recente, como são recentes as diversas conferências episcopais de outros países. O Vaticano II oficializou as conferências episcopais. E nas linhas gerais a legislação da Igreja precisa a situação das conferências em face do Papa e também em face dos bispos. Nunca se pensou que a CNBB fosse um superparlamento, capaz de intrometer-se na vida das dioceses ou na responsabilidade de cada bispo. Mas a direção da CNBB — todos bispos brasileiros — sabe muito bem disto e nunca tentou extrapolar de sua missão estrita. Mas que bênção para todos nós bispos, para nossas dioceses, para o Povo de Deus saber que em nosso nome há um organismo de Igreja que, em certos momentos, assume a representação das Igrejas particulares e dos bispos brasileiros. Não tenho a menor dúvida que a CNBB, de 1964 para cá, portanto nos anos da repressão militar, soube com firmeza e sensibilidade garantir a liberdade da Igreja, defender os direitos humanos, imprimir traços de unidade ao nosso trabalho pastoral de bispos brasileiros. Foram anos de fogo para todos nós. A CNBB saiu-se muito bem da prova. Merece por isto a homenagem do Povo da Baixada, do Povo de uma diocese sofrida que sempre teve na CNBB apoio e solidariedade.

08. FC: — Gostaria de lembrar alguns aspectos especiais da celebração jubilar que aqui não foram mencionados?

— Dom Adriano: O programa do ano jubilar incluiu dois tipos de comemorações particulares: as missões populares e a visita pastoral do bispo às diversas paróquias. Na preparação do jubileu pensamos, a princípio, em “santas missões” com “santos missionários” vindos de fora. Batemos a várias portas. Todas fechadas: os missionários já estavam comprometidos até o ano de 1987. Em 68, se não me engano, tivemos a experiência de missões em várias paróquias da Diocese de Nova Iguaçu. Apesar das restrições que alguns fazem, as missões continuam sendo um ótimo instrumento de Pastoral extraordinária. Conseguem atingir, no seu fogo de entusiasmo apostólico, muita gente que não dá nenhuma atenção aos trabalhos pastorais rotineiros. Seria ótimo, se no ano do jubileu de prata viessem missionários, para um trabalho de “santas missões” em todas as paróquias. Infelizmente não deu certo. Assim mesmo, várias paróquias organizaram “missões” com “missionários” da própria paróquia ou de paróquias vizinhas, a maioria deles leigos. E a coisa tem dado certo. Faltou o impacto do missio-

nário "de fora", que é cercado de uma auréola particular, mas os missionários "de dentro" quebraram o galho, com dignidade e zelo. Quanto às visitas pastorais: todos acham que o bispo deve ter muito mais comunicação com as "bases". Estou também convicto. Pastoralmente o bispo deve doar-se ao máximo. O Povo ama o bispo. Quer o bispo. Como ama e quer o padre. Mas no que me toca, devo confessar que o contacto com o Povo de Deus é para mim mesmo um duradouro processo de fecundação e animação espiritual. Sempre que vou ao Povo de Deus no exercício de meu serviço episcopal — e aí devo dar —, volto ricamente remunerado: sinto que o Povo de Deus me dá muito mais do que aquilo que de mim recebeu. Deus fala pelo seu Povo. O Espírito Santo age no seu Povo. Como é bom para mim "tomar um banho" na fé autêntica, infantil, desestudada de nosso Povo simples. Essa contribuição do Povo não corta nada do meu magistério episcopal; muito pelo contrário, ajuda-me a ser melhor servidor de meus irmãos, segundo a palavra do Mestre (cf. Mt 23,1-12). Durante o ano jubilar estou visitando, em fins de semana, as diversas regiões pastorais, paróquia por paróquia, de acordo com um programa que as paróquias estabelecem. Sinto-me gratificado. E verifico ao mesmo tempo que nos próximos anos devo fazer visitas pastorais mais demoradas, uns três, quatro ou cinco dias em cada paróquia. A visita pastoral tem também o sentido de estreitar os laços que unem a paróquia à diocese, visa à implantação mais sistemática das linhas pastorais, das prioridades pastorais, e ainda tem o sentido de apoiar o vigário em seu trabalho apostólico. Sinto-me feliz em fazer as visitas pastorais.

09. FC: — Qual o espaço que os leigos têm na Pastoral e nas comemorações?

— Dom Adriano: Nas comemorações, os leigos participam em tudo. Mas aí a participação é contingente, passageira. Muito mais importante é a participação dos leigos na Pastoral orgânica e sistemática da diocese. Parto do Vaticano II que deu aos leigos, em níveis pastorais, o mesmo triplice "múnus" que, noutros tempos (e infelizmente em alguns círculos ainda hoje, apesar do Concílio), eram atribuídos somente ao clero: o múnus profético, o múnus régio e o múnus sacerdotal. Temos também de partir da legislação atual de nossa Igreja. Aí está o novo Direito Canônico, legislando com muita clareza sobre a participação dos leigos na vida da Igreja. Procuramos ir por essa pista e, interpretando os sagrados cânones pelo espírito da lei e pelo espírito do Vaticano II e também pelo espírito de nosso tempo que exige participação co-responsável, procuramos aproveitar as eventuais brechas ou omissões da Lei Maior: São muitas. Uma interpretação mais larga e generosa leva a uma participação mais atuante dos leigos, de tal modo que a Igreja que é o bispo e o padre mas é também o Povo de Deus ou os leigos aparece mais integrada na sua missão de anunciar o Salvador e a salvação. Muito diferentemente do que previam, durante o Concílio, depois do Concílio e ainda hoje, os grupos "clericales" (padres e leigos), a participação dos leigos na Pastoral, nas comunidades eclesiais de base, longe de eliminar ou querer eliminar o padre, exige mais o padre, tem consciência clara do papel do padre na vida da Igreja e da comunidade. Essa participação não aliviou a tarefa do padre, agravou mais a situação: nas comunidades vivas, em que os leigos participam intensamente, o padre é, por assim dizer, "estraçalhado"; porque todos se sentem com o direito de exigir a presença, a palavra, a orientação do seu padre, mais gritante se torna também a falta de padres, em número suficiente, para atender essas novas necessidades do Povo de Deus. Durante alguns anos, aproveitando certas brechas da legislação pós-conciliar e julgando contribuir

para uma participação dos leigos mais efetiva no próprio "governo" da diocese — a ser aceita no novo Código do Direito Canônico —, nosso Conselho Diocesano, composto de padres, religiosas e leigos/leigas, teve um papel decisivo na vida da Diocese de Nova Iguaçu. Todas as decisões cabiam a esse órgão. O novo Direito Canônico fechou essa "brecha" pós-conciliar. De sorte que o Conselho Diocesano, certamente mais expressivo do Povo de Deus como Igreja, vai entregar suas atribuições ao Conselho Presbiteral que é composto somente de padres, e por isto exclusivamente masculino. A experiência de um Conselho Diocesano durante uns oito anos, conselho composto de padres, religiosas e leigos, com capacidade de decidir, não diminuiu em nada a autoridade do bispo, pelo contrário; mostrou que, tanto do ponto de vista teológico como do ponto de vista humano, é muito melhor para a diocese como para o bispo pessoalmente, o Conselho Diocesano assumir as responsabilidades em nível de colegiado. Uma experiência que pode ser feita em nível de comunidade eclesial de base, em nível de paróquia, em nível de diocese é esta: nenhum conselho meramente consultivo tem chance de sobreviver. É que ninguém se satisfaz em refletir, aconselhar, informar, sem ter ao menos de vez em quando a capacidade de decidir. A crise de muitos conselhos presbiterais ou pastorais está aí. Outra experiência: nunca os membros de um Conselho Diocesano decidiram ou pensaram em decidir sem o bispo ou contra o bispo ou ainda contra o Papa e contra as verdades da Fé e a doutrina da Igreja. Ao contrário: o que sempre fizeram foi aplicar as coisas boas de Igreja universal à realidade concreta da nossa diocese.

10. FC: — Como o senhor se sente neste serviço à Igreja na realidade de Nova Iguaçu?

— Dom Adriano: Ao tomar posse em 06 de novembro de 1966 declarei publicamente: "Tenho certeza de que aqui me sentirei bem. E por isso peço a Deus a graça de morrer na Diocese de Nova Iguaçu". As informações que então me chegaram na Bahia, logo que fui transferido para Nova Iguaçu, eram aterradoras: pior diocese do Brasil, Povo de marginais, alta criminalidade, domínio absoluto das "seitas" e da umbanda etc. etc. Um quadro tétrico que faria medo a qualquer um. Francamente, não me deixei impressionar. Com alegria comeci o meu serviço. E quase 19 anos depois, tenho de confessar que não errei nas minhas "intuições". Pelo contrário: confirmei minha esperança daquele dia distante. O Povo da Baixada é bom, é ótimo. De sorte que tenho hoje, quase 19 anos depois, marcado de toda espécie de vivências, a ousadia de repetir com S. Paulo: "Qual é, de fato, a nossa esperança, a nossa alegria ou a coroa de que nos gloriamos, na presença de nosso Senhor Jesus Cristo, por ocasião de sua vinda? Não o são vocês? Sim, vocês são nossa glória e alegria" (1Ts 2,19-20).

11. FC: — Acrescente algum aspecto que não foi colocado.

— Dom Adriano: Como falei, colocamos como encerramento do ano jubilar a inauguração do Seminário Diocesano Paulo VI. Fixamos provisoriamente a data: 26 de março de 1986. Como é terça-feira da Semana Santa, pode ser que seja fixado ainda outro dia. A diocese está construindo um seminário que estará à disposição das dioceses irmãs de Volta Redonda, Itaguaí, Duque de Caxias e Nova Friburgo. Algumas congregações religiosas querem usá-lo também. Sabemos como é difícil a educação. E sobretudo a educação e formação de padres neste mundo difícil, dilacerado dos nossos dias. Apesar de todas as dificuldades materiais e humanas, acho que valeu a pena assumir esta difícil empresa. Como fugir a uma necessidade imperiosa como é a de formar nossos futuros pa-

dres? Somos cerca de sessenta padres, vindos de 10 nações estrangeiras e de muitos Estados do Brasil. Apenas uns 10 são membros efetivos do nosso clero (pela chamada encardinação). Dois terços vêm de outros países. Dois terços são religiosos. Certo, na prática pastoral reina excelente harmonia entre nós, membros de um clero altamente heterogêneo. Mas como não somos "parasitas da Igreja", é nosso dever cultivar vocações de nossa própria diocese. É o que assumimos com alegria e decisão. Graças à colaboração extraordinária de nossos irmãos da Alemanha, da Suíça e da Áustria, levantou-se o prédio do Seminário. Apesar de inacabado, começou a funcionar em 1984. São dados já os cursos de Filosofia I, II, III; e o curso de Teologia I. Mais de quarenta seminaristas, incluindo os de congregações religiosas, estudam no Seminário. Mais de vinte moram no Seminário. Temos a certeza de que a palavra de Jesus é normativa para todos nós e por isto nos leva necessariamente ao apostolado vocacional. Temos também a certeza de que um Povo marcado de sofrimento e de esperança, como é o Povo da Baixada, tem vocações numerosas para dar à Igreja. Isto é: tem, se trabalharmos, se assumirmos nossa parte de responsabilidade. Como a diocese vem trabalhando, desde alguns anos, neste setor da Pastoral, tivemos a alegria de assistir à ordenação de quatro padres novos de nossa Diocese. Um deles — o P. Marcus — é o primeiro nascido

no território da atual Diocese de Nova Iguaçu, em Mesquita. — Estamos certos de que muitos outros virão. A falta de padres é um dos problemas intereclesiais mais dolorosos, sobretudo se pensarmos no que disse anteriormente: a participação maior dos leigos pede e exige uma participação maior do padre. Assim pensam os leigos engajados. Assim é de fato. Também no que diz respeito às comunidades religiosas femininas: são bem poucas as Congregações que trabalham na diocese. Em 19 de março p.p. fundei uma Pia União das Irmãs Franciscanas da Baixada. Quatro moças estão fazendo o noviciado. Durante anos resisti a essa "tentação". Não existem vários institutos religiosos na diocese? Por que vocês não os procuram? Resistiu quanto pude. Mas o desejo sério de tantas moças — "quero trabalhar na Baixada" — me levou à fundação. As religiosas fazem um trabalho magnífico em nossa diocese. Mas são pouquíssimas. Também precisamos assim rezar pelas vocações religiosas. Nesta ânsia de multiplicar o número de agentes de Pastoral, de formá-los devidamente, de ajudá-los em sua inserção, gostaria, para concluir, de fazer um pedido à Congregação das Irmãs Paulinas: Venham, num dia que espero será breve, venham trabalhar em Nova Iguaçu. Há muito espaço descoberto em nossa diocese, inclusive no que diz respeito aos meios de comunicação social.

(NI 14/15-08-85)

PRESBITÉRIO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU (01-01-86)

Abreviaturas: al = alemão; bg = belga; br = brasileiro; c = cooperador; es = espanhol; fl = filipino; fr = francês; hl = holandês; id = irlandês; it = italiano; p = pároco; pl = polonês; pt = português; v = vigário.

Observação: As datas são de nascimento e de ordenação; o asterisco (*) indica o padre que trabalha mas não mora na diocese.

Adriano Hypolito OFM — bispo diocesano	br (18-01-18/18-10-42/17-02-63) Cat
Agostinho Pretto (Porto Alegre)	br (28-03-24/30-11-53) pCat
Angel Vidal R. Ludan CICM	fl (22-09-50/20-03-76) cCSoa
* Antônio Abreu SJ	br (29-11-36/11-03-67) cNI-SJOp
Antônio Célio R. Varela OFM	br (28-08-49/15-12-79) pPr
Antônio Martins SCJ	pt (28-11-38/29-06-68) pNI-SEug
Arthur Hartmann Mons	br (04-11-05/21-09-29) pO-Seb
Atamil Vicente de Campos OFM	br (05-04-46/21-12-80) pN-Ap
Bartolomeu Bergese CEIAL (Mondovi)	it (11-10-41/29-06-64) pCSul
Bernardo Colombe CEFAL — coord. Past (Lyon) ...	fr (21-04-39/26-06-66) pEPassos
Carlos César dos Santos (Nova Friburgo)	br (14-10-55/19-12-81) pBR-Con
Cláudio Leterme CICM	bg (20-02-45/10-07-71) cR
Clínio José Drago	br (30-03-50/11-08-85) cLXV
Daniel de Leeuw CRL	hl (14-12-17/04-07-43) pNMesq
Edmilson da Silva Figueiredo	br (30-05-48/11-08-85) cO-Seb
Eduardo Nealon CSSp	id (06-04-35/05-07-64) pP
Elpidio Chilanti OFM Cap	br (29-12-29/22-12-57) pNI-SFam
Enrique Blanco Pico OCHSA (Mondonedo) pvger ..	es (18-02-34/11-06-60) ausente
Fernando Vandenabeele CICM	bg (07-11-37/06-08-61) cCSoa
Francisco Jerônimo da Silva	br (30-10-24/25-07-54) c
Gabriel Gheysens CICM — provincial CICM	bg (13-03-46/05-05-72) c
Geraldo João Lima (Petrópolis)	br (16-10-37/29-06-64) pBSJoão
Gilberto de Roij MSC — reitor Sem. in. MSC	hl (29-11-26/02-09-51) c
Gilberto Teixeira Rodrigues — diácono	pt (26-12-53/04-10-81) pCat
Guilherme Steenhouwer SSCC	hl (19-09-32/23-03-58) pPFI
Harley Luís Siqueira Jorge OFM	br (08-01-33/16-12-78) cN-Con
Humberto van der Togt MSC	hl (16-01-36/03-09-60) pSag
Ivo Plunian AA — diretor da Casa de Oração	fr (11-06-36/19-03-61) c
Jacinto Miconi CEIAL (Údine)	it (08-07-43/29-06-67) pM
Jerry Kirwin CSSp	id (03-10-52/12-06-83) cCab/Mar
João Fitzpatrick CSSp	id (14-11-34/12-07-63) pBLuz
João Maria Baethge OFM	al (03-12-13/26-11-39) pEPedr
José do Carmo Marques — aposentado	br (07-07-18/10-03-46) c
José Fernandes Coujil	es (21-08-21/21-03-47) qQ-Fát
José Fernandes Sá CSSp	pt (26-12-32/27-09-59) qQ-Con
José Pereira OFM	br (30-04-42/22-12-68) pN-Con
Laurindo Marques CSSp	pt (27-09-24/19-03-50) vQ-SFr
Luís Costanzo Bruno CEIAL (Fossano)	it (03-04-32/25-06-67) pLXV-JGI-SMar
Luís Giovanni Martino CEIAL (Mondovi)	it (26-11-41/05-07-64) ausente
Luís G. Passos dos Santos Cón. (Aracaju)	br (16-10-10/08-12-38) c
Luís Gonzaga Thomaz OFM — diretor do CFL	br (20-06-33/12-04-59) c

Manoel Monteiro Carneiro — chanceler	br	(28-10-28/04-04-53)	pK11
Marcos Ockerman CICM	bg	(04-10-44/26-07-69)	pR
Marcus Barbosa Guimarães	br	(21-09-61/11-08-85)	pRSobr
Mário Luiz Menezes Gonçalves — estud. Roma	br	(18-11-56/19-12-81)	ausente
Mateus Vivalda CEIAL (Mondoví) vigário-geral	it	(21-12-48/29-06-62)	pH
Maurício Vian	br	(22-09-21/26-12-43)	pJ
Mauro Negretti Garcia OFM	br	(23-09-54/13-07-85)	cN-Ap
Nereu Meirelles Silveira (Santa Maria)	br	(18-12-32/08-12-56)	dir. est. Sem. Dioc. c
Neuro Pereira da Silva — diácono	br	(29-06-54/24-06-84)	cLXV
Nino Miraldi CEIAL (Roma)	it	(21-08-30/07-07-57)	pNI-SJOp
Patrício Kelly SSSP	id	(10-01-35/08-07-62)	pCab/Mar
Paulo Müller CICM — reitor Semin. Dioc. Paulo VI ..	bg	(15-01-39/04-08-63)	pCSoa
Pedro Alexandre Sobrinho (Anápolis)	br	(19-05-24/20-12-58)	cCat/vNI-Fát
Pedro Geurts CICM	hl	(13-02-35/04-08-59)	ausente
Porfírio Fernandes de Abreu	pt	(07-02-38/11-08-85)	cCat
Renato Chiera CEIAL (Mondoví)	it	(21-07-42/29-06-47)	pMCouto
Renato Stormacq CICM	bg	(10-10-30/12-09-54)	pA
Rodolfo Ramos CICM	fl	(01-01-52/11-04-78)	cCSoa
Salvador Saint-Martin dit Martinon CEFAL (Bayo) ..	fr	(01-07-31/29-06-59)	cEPas
Sebastião Lima	br	(21-05-23/21-12-52)	pBR-Seb
Sérgio de Souza OFM	br	(31-07-49/16-07-73)	cN-Con
Terésio Rinaldi CEIAL (Mondoví)	it	(23-08-43/29-06-67)	cCSul
Tiago Gózik SVD	pl	(11-07-12/24-08-40)	pL
Valdir Oliveira — estud. Roma	br	(06-09-45/28-12-75)	ausente

PARÓQUIAS DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU (01-01-86)

Abreviaturas: a = assistente ; c = cooperador; N = Nilópolis; NI = Nova Iguaçu; P = Paracambi; p = pároco; r = regente; rc = regente coordenadora; v = vigário.
Observação: o asterisco (*) indica um curato (paróquia em formação) ou o padre que trabalha, mas não mora na diocese.

- Austin* (NI-1949) — S. Sebastião
 Renato Stormacq CICM p (tel. 767-7408)
- Bairro da Luz* (NI-1969) — Santa Luzia
 João Fitzpatrick CSSp p (tel. 767-0712)
- Bairro São João* (NI-1975) — São João Batista
 Geraldo João Lima p
- Belford Roxo* (NI-1949) — N. S. da Conceição
 Carlos César dos Santos p (tel. 761-0400)
- Belford Roxo* (NI-1957) — S. Sebastião
 Sebastião Lima p (tel. 761-3569)
- Cabuçu* (NI-1958) — N. S. de Fátima
 Patrício Kelly CSSp p
 Jerry Kirwin CSSp c
- * *Cacua* (NI-1978) — Menino Jesus de Praga
 Rodolfo Ramos CICM v
- Comendador Soares* (NI-1949) — S. Francisco de Assis
 Angel Vidal R. Ludan CICM c
 Fernando Vandenabeele CICM c
 Paulo Müller CICM p
 Rodolfo Ramos CICM c
- Cruzeiro do Sul* (NI-1978) — Santa Rita
 Bartolomeu Bergese CEIAL p (tel. 767-2817)
 Terésio Rinaldi CEIAL c
- Edson Passos* (NI-1965) — N. S. de Fátima
 Bernardo Colombe CEFAL p (tel. 796-3043)
 Salvador Saint-Martin dit Martinon CEFAL c
- Engenheiro Pedreira* (NI-1957) — Senhor do Bonfim
 João Maria Baethge OFM p
- Heliópolis* (NI-1978) — S. Judas Tadeu
 Mateus Vivalda, vigário-geral, p (tel. 761-0501)
- Japeri* (NI-1949) — N. S. da Conceição
 Maurício Vian p
- Jardim Gláucia* (NI-1975) — N. S. Aparecida
 Luís Costanzo Bruno v
- Laje da Central* (P-1970) — S. Sebastião
 Tiago Gózik SVD p
- Lote XV* (NI-1966) — S. Simão
 Luís Costanzo Bruno CEIAL p (tel. 761-0749)
 Neuro Pereira da Silva — diácono — c
- Marapicu* (NI-1759) — N. S. da Conceição
 Patrício Kelly p
- Mesquita* (NI-1949) — N. S. das Graças
 Jacinto Miconi CEIAL p (tel. 796-0810)
- Miguel Couto* (NI-1975) — S. Miguel Arcanjo
 Renato Chiera CEIAL p (tel. 768-2762)
- Nilópolis* (N-1966) — N. S. Aparecida
 Atamil Vicente de Campos OFM p (tel. 791-3303)
 Mauro Negretti Garcia OFM c
- Nilópolis* (N-1941) — N. S. da Conceição
 Harley Luís Siqueira Jorge OFM c (tel. 791-3058)
 José Pereira OFM p
 Sérgio de Sousa OFM c
- Nova Iguaçu* (NI-1862) — S. Antônio (Catedral)
 Adriano Hypolito OFM, bispo diocesano (tel. 767-8009)
 Agostinho Pretto p (tel. 767-8670)
 Gilberto Teixeira Rodrigues — diácono — c
 Nereu Meirelles Siqueira c
 Pedro Alexandre Sobrinho c
 Porfírio Fernandes de Abreu c
- Nova Iguaçu* (NI-1958) — Sagrado Coração de Jesus (Km 11)
 Manoel Monteiro Carneiro, chanceler, p (tel. 767-5550)
- Nova Iguaçu* (NI-1957) — N. S. de Fátima e S. Jorge
 Enrique Blanco Pico p
 Pedro Alexandre Sobrinho v
- Nova Iguaçu* (NI-1971) — Sagrada Família (Posse)
 Elpidio Chilanti OFMCap p
- Nova Iguaçu* (NI-1970) — Cristo Ressuscitado (Santa Eugênia)
 Antônio Martins SCJ p
- Nova Iguaçu* (NI-1978) — S. José Operário (Califórnia)
 * Antônio Abreu SJ c
 Nino Miraldi CEIAL p
- Nova Mesquita* (NI-1970) — S. José Operário
 Daniel de Leeuw CRL p (tel. 796-3707)
- Olinda* (N-1975) — SSma. Trindade
 Sérgio de Souza OFM v
- Olinda* (N-1949) — S. Sebastião
 Arthur Hartmann Mons. p (tel. 791-1526)
- Paracambi* (P-1928) — S. Pedro e S. Paulo
 Eduardo Nealon CSSp. p
- Parque Flora* (NI-....) — N. S. das Graças
 Guilherme Steenhouwer SSCC p (768-0303)
- Piam* (NI-1978) — S. João Batista
 Luís Giovanni Martino CEIAL p (ausente)
 Terésio Rinaldi CEIAL v

Prata (NI-1755) — S. Antônio
 Antônio Célio R. Varela OFM p (tel. 761-2610)
 Queimados (NI-1947) — N. S. da Conceição
 José Fernandes de Sá CSSp (tel. 767-4204)
 Laurindo Marques CSSp c
 Queimados (NI-1965) — N. S. de Fátima
 José Fernandes Coujil p
 Queimados (NI-1975) — S. Francisco de Assis
 Laurindo Marques CSSp v
 Riachão (NI-1968) — N. S. da Conceição
 Angel Vidal R. Ludan CICM c (tel. 767-8419)
 Cláudio Leterme CICM c
 Marcos Ockerman CICM v
 Pedro Geurts CICM p (ausente)
 Rocha Sobrinho (NI-1960) — N. S. de Fátima
 Marcus Barbosa Guimarães c
 Nino Miraldi CEIAL v
 Santa Maria (NI-1978) — N. S. de Fátima
 Luís Costanzo Bruno CEIAL v (tel. 761-2349)
 Santa Rita (NI-1975) — Santa Rita
 Angela Stockner CSCr r
 Blandina Spescha CSCr rc
 Francisca Maria Stalder r
 Santo Agostinho (NI-1975) — S. Agostinho
 Humberto van der Togt MSC p
 * Santo Elias (NI-1978) — S. Elias
 Nino Miraldi CEIAL cura
 * Sarapuí (NI-1975) — Cristo Ressuscitado
 (BNH)
 Antônio Célio R. Varela OFM, cura
 Vila de Cava (NI-1977) — S. Sebastião
 Amélia Popessa, ISJ r
 Lodovica Perotti ISJ r
 Nives Chialva ISJ r
 Rita Rocca ISJ rc
 Tinguá (NI-1970) — N. S. da Conceição
 Adélia Senn CSCr rc
 Juliana Favre SCSr r
 Serafina Mardaet SCSr r

AVISOS

Aviso 01/86 — Provisões 1986 — Todas as Provisões, legitimamente expedidas, continuam em vigor para o ano de 1986, a menos que sejam expressamente revogadas.

Aviso 02/86 — Reuniões Oficiais — Em fevereiro, mês de férias, entram em recesso todas as reuniões oficiais em nível diocesano. Somente em março serão realizadas. A reunião mensal da Pastoral terá lugar no dia 04 de março; do Conselho Presbiteral dia 06; do Conselho Diocesano, dia 11; a reunião mensal do clero, dia 18.

Aviso 03/86 — Campanha da Fraternidade — No 1º domingo da Quaresma, dia 16 de fevereiro, será realizado lançamento da Campanha da Fraternidade de 1986. O tema "Terra de Deus, terra de irmãos", aprovado pela CNBB, corresponde a uma necessidade imperiosa do Brasil de hoje. As grandes cidades estão abarrotadas de gente, vêm-se diante de problemas insolúveis, pois os campos, entregues à sua própria sorte, sem qualquer assistência social, são obrigados à perda de suas forças de trabalho mais eficientes, de modo particular os jovens, atraídas pelas grandes cidades. Os campos se esvaziam e entram num marasmo crescente. As grandes cidades, cada vez mais caóticas, já não oferecem o mercado de trabalho de antigamente, estão quase saturadas. Solução? A reforma agrária, postulada pelas forças construtoras da nação, é o caminho sensato para a fixação do agricultor no solo. O agricultor que encontre condições de trabalho dignas, remuneração justa, colocação dos seus produtos, não deixa o campo, não emigra. Fixado no solo, no seu terreno, não emigra, não vai aumentar os problemas da cidade, não vai pesar, em nada, no orçamento do governo. Pelo contrário: pelo seu trabalho eficiente, produtivo, será um criador de riquezas para si mesmos, para suas famílias, para a nação. Todos os grandes países dedicam atenção constante à agricultura, à produção crescente dos produtos agrícolas.

Todos os grandes países dão ao agricultor um carinho todo particular já que consideram a agricultura a fonte de riqueza mais importante e fundamental para o progresso e o desenvolvimento. A CNBB sentiu de perto a angústia que envolve muitos milhões de brasileiros, agricultores, ex-agricultores, que sofrem na própria carne o drama da terra sem trabalhador e do trabalhador sem terra. O lema "Terra de Deus, terra de irmãos" ressalta o aspecto religioso do problema da Terra, é um convite aos cristãos para refletirem sobre a Reforma Agrária que, infelizmente, encontra uma cerrada oposição nas classes dominantes. Pode-se dizer que, das elites, só uma pequena minoria compreende o alcance da Reforma Agrária para a Economia Nacional e para o bem de nosso Povo. A grande maioria, por motivos particulares indefensáveis, por egoísmo, por falta de reflexão sobre a Fé e o bem comum rejeita qualquer Reforma Agrária. E se por acaso chegarem a admiti-la, tentarão por todos os meios descaracterizá-la e torná-la inútil. Apesar das acusações que lhe fazem, a Igreja continua defendendo a "propriedade particular". E por isto mesmo se bate pela distribuição mais justa, mais humana, mais econômica das grandes propriedades entre pequenos proprietários que querem terra para trabalhar, para sobreviver. É justamente por defender uma propriedade particular mais dividida, mais acessível a todos os que querem trabalhar, mais distributiva no sentido do bem comum, que a Igreja defende a Reforma Agrária e rejeita o coletivismo estatal ou privado. — A Cáritas Diocesana está encarregada de preparar e executar a Campanha da Fraternidade em nossa diocese. Neste sentido tem dado aulas, em diversos sábados, preparando os monitores que assumirão incentivar, organizar, executar a Campanha nas suas comunidades. Oportunamente a Cáritas Diocesana publicará o programa do lançamento da Campanha, no dia 16 de fevereiro. Será desejável que em todas as paróquias e comunidades de base se faça um esforço sério para popularizar a Campanha através de uma conscientização profunda de todos os grupos de nossas paróquias. Terra de Deus, terra de irmãos: é uma bandeira que devemos todos empunhar.

Aviso 04/86 — Visita "ad limina" — Depois de adiada duas vezes, realiza-se afinal de 17 de fevereiro a 01 de março do corrente ano a visita "ad limina" para a Regional Leste I, da CNBB (corresponde ao Estado do Rio). Dom Adriano viaja no dia 14 de fevereiro. Ao que contam outros bispos, a visita deste ano será mais rica do que a de 1980. Terá 15 minutos de audiência particular com o S. Padre, uma concelebração eucarística e uma refeição com o Papa e ainda uma audiência coletiva. Estão previstas também visitas às diversas Congregações da Cúria Romana e concelebrações nas Igrejas principais. O bispo diocesano enviou, através da Nunciatura, o relatório quinzenal da diocese. Mas levará um exemplar com um breve resumo em português e alemão, para que o S. Padre possa orientar-se mais facilmente. Esperamos que da visita oficial dos bispos nasça muita coisa importante para a Igreja do Brasil.

Aviso 05/86 — Inaugurações — Para que todos possam participar, comunicamos com muita antecedência que no dia 01 de maio será inaugurada a casa-mãe das Irmãs Franciscanas da Baixada, com o noviciado da Pia União. A casa-mãe está situada na Estrada de Miguel Couto, a estrada que liga Miguel Couto através de Nova Aurora com Heliópolis. O bairro da casa-mãe chama-se Xangrilá e pertence à paróquia de Heliópolis que aí, bem defronte da casa das irmãs, está construindo um centro paroquial de grande importância. No dia 03 de maio (cai num sábado) inauguramos o Seminário Diocesano Paulo VI, na rua Bolívia, Centro de Nova Iguaçu. A S. Missa começará às 09h na capela do Seminário. Depois será feita a bênção do Seminário. Pelas 12h30 ou 13h00 junta-

mo-nos todos os convidados, entre eles os operários que construíram o Seminário e suas famílias, para o churrasco de confraternização. Convidamos todos os padres e religiosos e todos os agentes de Pastoral de nossa diocese a participarem da S. Missa e do churrasco, este na Casa de Oração.

Aviso 06/86 — Jubileus de 1986 — No ano de 1986 celebram jubileu de prata de sacerdócio: em 19-03 o P. Ivo Plunian AA, diretor da Casa de Oração, e em 06-08 o P. Fernando Vandenebele CICM, cooperador da paróquia de S. Francisco de Assis, de Comendador Soares. As comunidades, nas quais servem com zelo e doação, o P. Ivo e o P. Fernando, procurem mostrar-lhes sua gratidão sincera e sua vontade de colaboração. Vamos todos rezar por nossos jubilados.

Aviso 07/86 — Clarissas — Depois de uma longa espera de três anos as Irmãs Clarissas, da ilha da Madeira, receberam afinal o visto de entrada. Assim comunicou o SCAI ao bispo diocesano. Esperamos que toda as formalidades legais se resolvam, para termos muito brevemente em nossa diocese a primeira comunidade religiosa de vida contemplativa que nos ajude, pela oração, pelo sacrifício, em nossos trabalhos pastorais.

Encerramento deste número: 09-02-86. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 (ou Cx. Postal 77285), 26000 Nova Iguaçu, RJ. Tel.: (021)767-7943.

CALENDÁRIO SOCIAL JANEIRO DE 1986	
01 n(1952) Rodolfo Ramos CICM cCSoa	15 n(1939) Paulo Müller CICM pCSoa/Reitor do Semin.
02 v(1967) Vilma Oliveira de Jessu NSV H	n(1970) Manuel Bezerra França
v(1969) Maria de Jesus Lopes NSV H	16 n(1936) Humberto van der Togt MSC pSag
10 n(1925) Fernanda Signori FSA P	18 n(1918) <i>Dom Adriano Hypolito OFM, bispo diocesano</i>
n(1935) Patricio Kelly CSSp pCab/Mar	v(1941) Vivalda Rauber FB IESA
n(1969) José Trevisan SC	22 n(1951) Rita de Cássia Luciano MJC Chatuba
11 n(1957) Maria Maura Delária Dias FB IESA	23 n(1967) Aloísio Heumesser OFM
	24 n(1925) Virgília Bazzoni FB IESA
	28 n() Maria Catarina Stein FB IESA

CALENDÁRIO PASTORAL JANEIRO DE 1986	
01 m(07h30) de Crisma, Eng. Pedr	m(17h00) de Crisma, Edson Passos, S. Francisco
02 r(09h00) Cons. Presb., CEPAL	m(19h00) de Crisma, Edson Passos, Matriz
04 r(09h00) preparação para a Camp. da Frat. 86 CEPAL	14 r(09h00) Cons. Diocesano CEPAL
05 r(14h30) RPastoral 3	r(18h30) RPastoral 4
m(16h00) de Crisma, Posse (Cobrex)	18 r(09h00) preparação para a Camp. da Frat. 86 CEPAL
m(19h00) de Crisma, Olinda	r(20h00) homenagem ao bispo diocesano, Catedral
07 r(09h00) mensal de Pastoral CENFOR	19 m(09h00) de Crisma, Prata
09 r(15h00) Cons. Administrativo CEPAL	21 r(09h00) do clero, Casa de Oração
10 r(19h30) RPastoral 1	r(19h30) RPastoral 2
11 r(09h00) preparação para a Camp. da Frat. 86 CEPAL	22 r(19h30) RPastoral 7
r(14h00) CPastoral CEPAL	24 r(19h30) RPastoral 5
12 m(09h00) de Crisma, Austin	25 r(09h00) preparação da Camp. da Frat. 86 CEPAL
	r(14h00) RPastoral 6
	28 r(09h00) Cons. Diocesano CEPAL

CALENDÁRIO SOCIAL FEVEREIRO DE 1986	
02 n(1953) Iza Mara Fonseca Nascimento ICM	v(1980) Rosa Guilherme FB, IESA
Rosa dos Ventos	v(1981) M. Filomena Lopes FB, IESA
v(1939) Inês Pasa FB, IESA	v(1983) Maria Maura Delíria Dias FB, IESA
v(1945) Bertília FB, IESA	v(1984) Sílvia Regina de Lima e Silva FB, IESA
v(1946) Virgília Bazzoni FB, IESA	03 v(1956) Maria Catarina Stein FB, IESA
v(1948) M. Adele Conterno FB, IESA	05 n(1968) Ulisses de Nardi
v(1958) Yeda Maria Dalcin FB, IESA	07 n(1938) Porfírio Fernandes de Abreu cCat
v(1960) Otília Maria Reckers FB, IESA	11 v(1963) Clarinda Guerra de Faria MJC, prov., Chatuba
v(1964) Leonilda Terezinha Rauber FB, IESA	13 n(1935) Pedro Geurts CICM pR
v(1965) M. Margarida Ferreira da Silva FB, IESA	14 n(1946) Ana Clara Corino ISJ rcVCava
v(1980) M. Irena Boritz FB, IESA	17 o(1963) <i>episcopal de Dom Adriano (23 anos)</i>
	18 n(1934) <i>Enrique Blanco Pico OCHSA pNI-Fát. pró-vig.-geral</i>
	20 n(1945) Cláudio Leterme CICM cR

CALENDÁRIO PASTORAL FEVEREIRO DE 1986	
02 r(08h00) Seminário de Capacitação CENFOR	14 r(19h30) RPastoral 1
m(10h00) de Crisma, Prata (BNH)	(22h00) viagem de Dom Adriano (visita ad limina)
r(14h00) RPastoral 3	16 abertura da Campanha da Fraternidade 1986
12 r(18h30) RPastoral 4	18 r(20h00) RPastoral 2
	22 r(14h00) RPastoral 6
	28 r(19h30) RPastoral 5